



Passagens. Revista Internacional de História Política
e Cultura Jurídica
ISSN: 1984-2503
historiadodireito@historia.uff.br
Universidade Federal Fluminense
Brasil

Do Integralismo Lusitano ao Nacional Sindicalismo: tensões e conflitos

Cazetta, Felipe

Do Integralismo Lusitano ao Nacional Sindicalismo: tensões e conflitos

Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, vol. 9, núm. 3, 2017

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337353512016>

DOI: <https://doi.org/10.15175/1984-2503-20179306>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

Do Integralismo Lusitano ao Nacional Sindicalismo: tensões e conflitos

Del Integralismo Lusitano al nacionalsindicalismo: tensiones y conflictos

From Lusitanian Integralism to National Syndicalism: Tensions and Conflicts

De l'intégralisme lusitain au national-syndicalisme : Tensions et conflits

从葡萄牙的统一主义到民族-工联主义：紧张和冲突

Felipe Cazetta ¹

Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil

felipecazetta@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.15175/1984-2503-20179306>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337353512016>

Recepção: 20 Janeiro 2016

Aprovação: 03 Abril 2017

RESUMO:

Este artigo tem como proposta examinar a trajetória do Integralismo Lusitano, e seu desdobramento de inclinações ao fascismo, o Nacional-Sindicalismo. De início há a análise do surgimento do movimento monárquico português e suas estratégias e experiências políticas para instaurar seu projeto de monarquia orgânica em Portugal. Em segundo momento, propõe-se a análise das estratégias de discurso praticadas por Rolão Preto, líder do Nacional Sindicalismo, nos diferentes momentos de sua experiência política até o exílio, contemplando, portanto, conflitos com Oliveira Salazar, ditador de Portugal. O objetivo é apontar as nuances existentes entre movimentos e regimes de extrema-direita no entreguerras.

PALAVRAS-CHAVE: Integralismo Lusitano, trajetória, Nacional-Sindicalismo.

RESUMEN:

Este artículo analiza la trayectoria del Integralismo Lusitano (y su desdoblamiento de inclinaciones hacia el fascismo) y el nacionalsindicalismo. Plantea el surgimiento del movimiento monárquico portugués y sus estrategias y experiencias políticas para instaurar su proyecto de monarquía orgánica en Portugal. En segundo lugar, examina las estrategias de discurso practicadas por Rolão Preto, líder del nacionalsindicalismo brasileño, en los diferentes momentos de su experiencia política hasta el exilio, así como los conflictos con Oliveira Salazar, dictador de Portugal. El objetivo es señalar los matices existentes entre movimientos y regímenes de extrema derecha en el período de entreguerras.

PALABRAS CLAVE: Integralismo Lusitano, trayectoria, experiencias políticas, nacionalsindicalismo.

ABSTRACT:

The following article analyzes the trajectory of Lusitanian Integralism (and its inclinations toward Fascism) and National Syndicalism, by focusing on the emergence of the Portuguese royalist movement and its political strategies and experiences for establishing an organic monarchy in Portugal. The article then moves on to analyzing the debate strategies practiced by National Syndicalism leader Rolão Preto at various moments of his political experience up to his exile, reflecting on conflicts with Portuguese dictator Oliveira Salazar. The aim is to highlight the nuances between far-right movements and regimes in the period between the World Wars.

KEYWORDS: Lusitanian Integralism, trajectory, political experiences, National Syndicalism.

RÉSUMÉ:

AUTOR NOTES

- ¹ Professor de História da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: felipecazetta@yahoo.com.br. Este artigo é parte de projeto de pesquisa com financiamento da CAPES.

felipecazetta@yahoo.com.br

Cet article analyse la trajectoire de l'intégralisme lusitain (et de ses inclinaisons fascistes ultérieures) et du national-syndicalisme. Nous nous intéresserons au surgissement du mouvement monarchique portugais et à ses stratégies et expériences politiques en vue de l'instauration de son projet de monarchie organique au Portugal. Nous verrons ensuite les stratégies discursives mises en œuvre par Rolão Preto, le leader du national-syndicalisme, à différents moments de son expérience politique (jusqu'à son exil), sans oublier les conflits qu'il entretenait avec le dictateur portugais Oliveira Salazar. L'objectif est de souligner les nuances existantes entre mouvements et régimes d'extrême-droite pendant l'entre-deux-guerres.

MOTS CLÉS: Intégralisme lusitain, trajectoire, expériences politiques, national-syndicalisme.

摘要:

本文分析了葡萄牙统一主义(integralismo), 因此而产生的法西斯主义倾向(inclinações ao fascismo), 以及民族-工联主义(nacional-sindicalismo)。作者重点关注葡萄牙君主主义运动的出现及其尝试在葡萄牙建立有机君主制的战略和政治经验。作者分析了民族-工联主义运动领袖罗龙·普雷托(Rolão Preto)不同时期所采取的话语策略, 直到他的流亡。作者反思普雷托与葡萄牙独裁者奥利维拉·萨拉萨尔(Oliveira Salazar)之间的冲突。本文文目的是指出在两次世界大战期间出现的极右翼运动与极右翼政权之间的细微差别。

關鍵詞: 葡国统一主义(Integralismo lusitano), 轨迹, 政治历程, 民族-工联主义(nacional-sindicalismo)。

FORMAÇÃO DO INTEGRALISMO LUSITANO

O Integralismo Lusitano (IL) surgiu de um grupo de monarquistas exilados de Portugal que estiveram associados a tentativas malsucedidas de golpes contra a República, entre os anos de 1911 e 1912. Imbuídos do reacionarismo contra o Estado laico e engajados em instaurar monarquia orgânico-corporativa, descentralizada administrativamente, mas centralizada politicamente² a experiência do desterro foi fértil para o aparato teórico do grupo em formação. A opção de destino dos futuros integralistas no exílio não foi aleatória. A Bélgica foi a alternativa mais aceita, em função daquele país, nas primeiras décadas do século XX, ser polo de circulação das ideias conservadoras na Europa, com ênfase nos núcleos alinhados à *Action Française* e a Charles Maurras.³

A experiência contribuiu para fortalecer o vínculo das concepções existente entre os monarquistas portugueses em Gand, com o conservadorismo proveniente da *Action Française* de Charles Maurras. Por outro lado, a composição do IL não foi homogênea e espontânea, haja vista nem todos os integrantes do grupo partilharem inicialmente dos valores predominantes ao movimento como, por exemplo, a oposição à República.

Sardinha, principal mentor do integralismo, manteve-se republicano até 1912, portanto após a deposição monárquica, estando salvo do exílio por não participar do levante golpista. Assim, o Integralismo Lusitano possuiu formação esparsa, dividida entre Gand, na Bélgica, e Figueira da Foz, em Portugal. Em Gand os exilados compuseram o periódico *Alma Portuguesa*, possuindo como integrantes

[...], Domingos Gusmão Araújo, Luis de Almeida Braga, Rolão Preto e outros rapazes emigrados em Gand, para onde arrastou o desastre da segunda incursão da Galiza, fundavam a revista *Alma Portuguesa*, de efêmera duração em que pela primeira vez aparece concretamente formulado, embora num sentido puramente literário, o nacionalismo português.⁴

Embora a formação ocorresse através dos lançamentos de *Alma Portuguesa*, com números em maio e em setembro de 1913, e da *Nação Portuguesa*, este mais estável, servindo de porta-voz do movimento monárquica, a iniciativa política consolidou-se com evidência somente nos anos de 1917 e 1918. Neste período, o IL ofereceu representantes parlamentares, embora rejeitasse em sua doutrina o liberalismo e o sufrágio democrático.

Para que isso ocorresse o cenário político de Portugal passou por modificações, que mobilizaram os monarquistas orgânicos à disputa política de maneira mais intensa: o sidonismo. Embora os integralistas tenham investido na participação eleitoral, seus anseios antidemocráticos e antiparlamentares não se arrefeceram. O entusiasmo pela suspensão do regime liberal, ocorrida em dezembro de 1917, não deixou

de afetar a doutrina do Integralismo Lusitano. Após a ascensão de Sidónio Pais, a promessa de aliança à República nova foi quase imediata: “É preciso na crise que se acentua, que forneçamos à autoridade os elementos de informação e de acção que possamos por ventura dispor. Não representa esta atitude uma abdicação”.⁵ O discurso de ordem, organização e força empregada para fins políticos entusiasmou os integralistas, ainda que estes afirmassem a fidelidade ao projeto monárquico corporativo.

Com a ascensão de Pais a permanência de um ditador, embora republicano, era vista com menor apreensão em comparação à proposta de retorno às votações para representante das esferas políticas. A suspensão do liberalismo era entendida como o meio para se alcançar a conclusão do projeto integralista. Ao serem propostas eleições houve descontentamento dos integralistas, sem que a imagem de Pais fosse afetada diretamente, pois: “Mais do que nenhum outro, portanto, este governo pode considerar-se clara expressão da vontade nacional, tanto é quase unânime, á sua volta, o consenso de gregos e troianos. A que vem pois essa febre de eleição para fevereiro?”⁶, indagava João do Amaral, no intuito de desmobilizar a opinião pública com respeito às votações.

Sob o governo de Pais o integralismo sofreu tensão entre o pragmatismo político e a ortodoxia de seus projetos. Além da inserção no processo sufragista, a prática do IL afrontou sua teoria por entrar em consonância com “todos os monárquicos”. Para concorrerem com chances de vitória, abandonaram momentaneamente a separação entre monárquicos orgânicos e constitucionais, para colocarem todos na coordenação de um mesmo esforço. Assim, nas páginas do periódico integralistas havia listas de candidatos monárquicos, entre estes, os integralistas, além de instruções ao eleitorado, ou aos familiares, para que fossem às urnas: “As senhoras não podem votar mas podem levar votos á urna, instigando os homens da família a cumprirem o dever no próximo domingo”⁷ Portanto, os integralistas não apenas inseriram-se na disputa eleitoral como fizeram propaganda partidária em seus veículos de informação, o que configurou o interesse na disputa em que envolveram-se.

Apesar de lograrem bons resultados no parlamento, com a eleição de Sardinha como deputado por Elvas, e Alfredo Pimenta por Guimarães,⁸ as demandas ao governo não concretizadas e a manutenção da República enquanto regime foram focos de confronto entre IL e Sidónio Pais. “Os monárquicos podem apoiar o governo, podem mesmo servi-lo em cargos que sejam políticos, mas dificilmente serão ministros enquanto forem monárquicos e a república for republica”.⁹

A curta ditadura de Pais foi suficiente para mobilizar os integralistas aos levantes armados como meio de depor a República e instalar a Monarquia corporativa. Após a morte de Sidónio, os integralistas participaram de duas ações: a Monarquia do Norte e Monsanto, ambas frustradas. O resultado das insurreições em que os estiveram envolvidos para a instauração da Monarquia Orgânica, foi negativo para o grupo, com feridos e deportados. Alguns chefes do movimento, conduzidos para fora de Portugal, abrigaram-se na Espanha (Sardinha), França (Monsaraz) e Bélgica, onde reforçaram seus contatos e suas influências com *l’Action Française*.¹⁰

A partir da experiência no exílio, houve a oportunidade de tomar contato com novas concepções de extrema-direita. Através desta relação alguns elementos provenientes do IL radicalizaram suas concepções autoritárias imersas no projeto monárquico, ou deixaram influenciar pela predominância do sindicalismo, em detrimento da causa monárquica. A experiência do fascismo italiano contribuiu para que Rolão Preto e Alberto Monsaraz elaborassem projetos políticos de Estado corporativista, complementares ao já existente no IL. Estes integralistas possuíram estreita relação com o Nacional-Sindicalismo (N/S), formação fascista em Portugal consolidada entre os fins dos anos 1920 e início da década seguinte: Rolão Preto foi o chefe do movimento, e Monsaraz seu Secretário Geral.

TRANSIÇÃO DO IL PARA A FASCIZAÇÃO DAS FILEIRAS POR ROLÃO PRETO

O órgão fundador do N/S foi o *Política*, periódico quinzenal. Nas capas do periódico lançado em 15 de abril de 1929, portanto durante a ditadura, havia o aviso de “Este número foi visado pela Comissão de Censura”. Apesar de informar a intervenção ditatorial em seu conteúdo, cerceando sua liberdade de pensamento e expressão, o primeiro número de *Política* apresentava críticas à democracia e ao parlamentarismo existentes em Portugal. Os ataques se faziam em mesma esteira das publicações do IL, no entanto, com maior radicalidade. No texto de abertura havia a explicação da palavra “Política” como batismo do periódico: “O calão democrático assim deturpou o seu [da política] nobre significado, que abastardou e corrompeu nas pulhices eleicoeiras e parlamentares, em todos os vergonhosos conluios com que os homens do partido arranjavam a sua vida”.¹¹

Alguns dos membros de primeira geração do IL desempenharam colaboração em *Política*, o que evidenciou as permanências e alterações doutrinárias nos projetos dos integralistas envolvidos no periódico. A participação de José Pequito Rebelo, por exemplo, evidenciava entusiasmo com a experiência fascista na Itália. Seus artigos estabeleciam parâmetros entre o fascismo italiano e o contexto político português, aos fins dos anos 1920, com o objetivo de empregar em Portugal as ações bem-sucedidas na Itália de Mussolini. Para Rebelo, a formação política e estatal fascista, embora assemelhasse à estrutura parlamentar, possuía regime de Câmaras artificial, pois a força política estava concentrada no Rei e em Mussolini.

Todo o parlamentarismo que nela [na ditadura fascista] parece existir é meramente formal, é como que uma experiência social feita sob a autoridade transcendente da ditadura, que continua, na formula Rei e Mussolini (enquanto Mussolini existir) e conselho fascista (isto é, ainda a vontade de Mussolini sobrevivendo-se), quando Mussolini faltar.¹²

Alberto Monsaraz, Secretário Geral do Nacional Sindicalismo, ao contrário de Rebelo, não possuía entusiasmo pela movimentação de massas. Em artigos publicados em *Monarquia e Nação Portuguesa*, bem como nas cartilhas, Monsaraz demonstrava-se inclinado à tradição, em contraste à projeção de um condutor, ou um líder aos moldes do fascismo. Deste modo, sua adesão ao Nacional-Sindicalismo é entendida através da simpatia pelo sindicalismo, ou pelo corporativismo, anteriormente existente na doutrina do IL, através da Monarquia Orgânica.

O apelo à tradição, incorporada na hereditariedade dinástica real, defendido por Monsaraz esteve presente na *Cartilha Monárquica*. Fiel ao IL neste panfleto encontra-se críticas ao parlamentarismo e à democracia, em defesa da Monarquia tradicional e hereditária. A herança do passado, os valores nobres e a dinastia real como forma de transmissão do poder, foram enaltecidos neste texto. Assim, o elitismo, comum aos membros do IL até a ascensão de Sidónio Pais, é constatado ao atribuir às “massas” a incompetência aos assuntos políticos:

Derivando da eleição por sufrágio directo, ele é o resultado de uma burla, porque a massa eleitoral é e sempre será incompetente para realizar uma escolha conscienciosa, pronunciando-se sobre merecimentos que não pode avaliar, em indivíduos que não conhece ou só viu nas arengas da praça publica ou dos centros onde cada um vai apregoar qualidades boas que julga ter.¹³

A experiência eleitoral desempenhada durante a ditadura de Sidónio Pais despertou a atenção do IL para as camadas populares. Alguns de seus membros, inclinados ao corporativismo, e imbuídos em concretizar a Monarquia orgânica, ou mesmo a ditadura aos moldes fascistas, após a ascensão de Mussolini na Itália, envolveram-se na problematização das questões sociais e na mobilização popular. Com o avanço das ideologias de esquerda sobre o meio fabril, a atenção ao proletariado era imprescindível. Monsaraz apresentou sua *Cartilha do Operário* com objetivo de encontrar simpáticos ao sindicalismo monárquico entre os trabalhadores. Deste modo, Monsaraz procurou intervir de maneira teórica nas reivindicações proletárias, assim como delimitá-las e, concomitantemente, atrair a simpatia dos mesmos, por voltar atenção às suas causas:

E assim morrendo de fome, enquanto ha ambiciosos que enriquecem á custa do seu suor, como não ha-de o proletário revoltar-se reclamando a sua parte no festim? Evidentemente o seu protesto é justo. Mas são justas também as suas ambições, os seus intuitos revolucionario, os seus sonhos duma remodelação social que derrube de vez o que ainda resta do mundo antigo?

Não! Essas não são justas.¹⁴

Apesar de dirigir-se ao proletariado em sua cartilha, Monsaraz manteve sua perspectiva elitista: o operário poderia protestar contra as condições de trabalho e exploração de sua mão-de-obra, no entanto, não era legítima a iniciativa de elaborar, ele mesmo, fórmulas para retirá-lo daquela condição. O proletariado pretendido por Monsaraz seria disciplinado e organizado, fiel à hierarquia sindical, cujo topo seria ocupado pelo monarca: “Certamente, a Monarquia precisa reorganizar o trabalho em todas as suas modalidades, mas para isso é necessário que o operariado se abstenha de ideias avançadas, para só pensar na sua organização profissional”.¹⁵

A inclinação de Rolão Preto à mobilização de massa, e ao seu empenho em fascizar as fileiras do IL foi mais precoce e claramente detectável. Porém, esta postura não esteve isenta de tensões entre o tradicionalismo inerente ao grupo e o ímpeto mobilizante observado em artigos de Rolão Preto. Por fazer parte do IL desde sua formação, partilhou dos códigos aristocráticos presentes no grupo. É válido lembrar a aversão que os integralistas de primeira geração mantinham em torno da participação política da população, o que refletiu na negação ao modelo democrático, e preferência à Monarquia centralizada politicamente.

No processo de formação e consolidação do Nacional-Sindicalismo, Preto acompanhou a vaga extremista que tomou a Europa, liderada pelos fascismos italiano e alemão. Em sua participação no *Politica*, Preto procurou arregimentar elementos dispostos a compor via política de direita radical. Além do periódico quinzenal da Junta Escolar do IL de Lisboa, Rolão Preto utilizou da publicação de suas obras como plataforma doutrinária. Neste sentido, em *Para Além do Comunismo* havia a convocação à marcha “revolucionária” portuguesa, tomando como exemplo outros países que assistiram a ascensão da extrema-direita como movimentos fortes, ou mesmo de detentores do poder central:

Povoam-se os campos da velha Germânia, de multidões, fermentos ansiosos de vida, de luta, de futuro; [...]. As ruas de Paris vêem passar cheias de assombro e de alvoroço as coortes admiráveis de juventude e de entusiasmo do Rei da França. Na Áustria, na Hungria, na Itália, por toda a velha terra da Europa estruge e avoluma-se incessante a cadência viril e indomável da Revolução Nacionalista em marcha.

E nós?¹⁶

No entanto, tal convocatória às multidões no início da década de 1930 não deve ser tomada como uma constante em sua atuação no IL. Conforme dito, Preto foi membro de um movimento conservador e de elite, logo, estes aspectos encontravam-se, de alguma forma, arraigados em seus projetos e formas de relacionar-se politicamente. A descontinuidade entre o discurso mobilizante e o apego ao tradicionalismo deve ser fortemente considerada no pensamento de Rolão Preto.

A figura do *chefe* como condutor da Nação, sobrepondo-se ao Rei, só se tornou definitiva em meados dos anos 1930. Até então, Preto defendia o projeto de Monarquia sindical, tal como os demais integralistas, por acreditar ser ela quem “[...] restaura pois, esses valores morais que a Revolução destruiu, restaura e dá corpo às energias regionais, municipais e corporativas, estabelecendo de novo esse critério antigo que fez a nação e lhe deu ossadura consistente atravez das idades”.¹⁷ A Monarquia seria a responsável, nestas palavras, pela reestruturação da moral e da tradição, corrompidas pela Revolução Francesa, e pela Revolução Russa. Além disso, sob coordenação do rei, a Nação estaria organizada de forma corporativa em concelhias municipais, provinciais e pela Corte ou Assembleia Nacional, tal como preconizado pela teoria do IL.

Pouco se percebe entre os anos 1910 e 1920, do discurso inflamado de Rolão Preto na década posterior, que buscava a convocação das fileiras de extrema-direita. No entanto, ocorreram permanências em sua trajetória: o repúdio à democracia e a opção pelo sindicalismo permaneceram em seus textos durante sua transição do IL

para o Nacional-Sindicalismo. Era necessário retirar Portugal da democracia para evitar o risco do socialismo. Não seria através da luta de classes, na concepção de Preto, tampouco pela via da Ditadura do operariado que Portugal sairia do colapso em que se inseriu com a adesão ao constitucionalismo.

O conflito acentuaria as mazelas morais, por corroer o tecido nacional com o desequilíbrio social e a projeção de indivíduos não capacitados aos cargos de chefia da produção e coordenação política.¹⁸ Para Preto, coerente às propostas do IL, era imprescindível organizar a sociedade em patamares hierárquicos, onde cada grupo se articulasse em consonância de seus interesses profissionais comuns. Diante da naturalização da desigualdade entre os indivíduos, cada qual possuidor de sua função distinta, o projeto corporativo lançado por Rolão Preto não poderia ter a mesma classe predestinada que a vista no comunismo.

Em lugar do operariado, as classes médias foram eleitas para conduzir as alterações propostas no projeto sindical de Preto. O que representava a distinção desta das demais classes era “O seu espírito de sacrifício e a energia de que se elevou pelo seu próprio esforço à posição média e aspira erguer-se mais ainda, são virtudes que convém aproveitar”.¹⁹ Ao atribuir o enriquecimento das classes médias a partir de sua respectiva dedicação, Preto manteve a rejeição do IL em conceber a luta de classes, e a exploração denunciada pelas ideologias de esquerda. Por outro lado, ao eleger as classes médias como modelo para a sociedade, apresentou aspecto inédito ao IL, por desvincular a doutrina integralista dos estratos aristocráticos e projetá-la em outra classe. Deste modo, Preto almejava ampliar a esfera de influência e de aderentes às concepções da Monarquia orgânica.

A sindicalização, conforme apresentada por Preto, estabilizaria o cenário econômico e social presente na República liberal. Através da solidariedade entre as classes, premissa do corporativismo, e da distribuição de crédito, se afastaria, por um lado, o risco da luta de classes e do comunismo, e por outro se revogaria o liberalismo e a democracia, com a organização e representação familiar e profissional. A intervenção do Estado na concessão de crédito demonstra divergência em relação às concepções do IL, que defendia a centralização política, porém descentralização administrativa. Para Preto o Estado concentraria, além do poder político, parte da administração, por realizar a assistência aos necessitados pela crise durante o liberalismo:

A Sindicalização estabelecerá o princípio da solidariedade dentro das ‘classes médias’ e resolverá o problema do acordo entre a mão de obra e o capital. O Crédito ajudará a refazer o patrimônio das ditas classes, abalado pelas consequências da má organização econômica e política liberal-democrata. Finalmente a Intervenção do Estado remediará situações desesperadas.

20

Tal projeto centralizador estava em consonância com a formação de movimentos de extrema-direita ao longo da Europa, além revelar preocupação com a ascensão das ideologias de esquerda, impulsionadas com a Revolução Russa. Deste modo, em seus textos, encontram-se diálogos com os movimentos conservadores ou extremistas de direita, ou em contraste com as ideologias de esquerda, com ênfase ao socialismo. No entanto, tais contatos não significaram a ruptura com a teoria e a doutrina do Integralismo Lusitano.

Em *Para além do comunismo*, há a atualização das experiências corporativas medievais, com o objetivo de resgatar o equilíbrio através da recuperação da Tradição: “O sindicato, por exemplo, não corresponde de certo com exatidão às formulas medievais, mas continua-as, dentro da essência econômico-social que as criou e de harmonia com as condições da produção moderna”.²¹ Em Política tal coexistência entre a Tradição e a inclinação ao extremismo de direita aos moldes fascistas é evidenciada, pela incorporação do líder condutor na figura do Rei:

A falência da democracia social é assim tão clara e segura como a falência da democracia política. Na ordem política moderna é o triunfo do chefe, chefe indiscutível e sagrado, chefe que não nasce do acaso absurdo das urnas nem lhe está a mercê. É a vitória da monarquia do interesse nacional. Na ordem econômica e social é o chefe também que conquista definitivamente os seus direitos, impondo a sua vontade, estatuidando o caminho da empresa, defendendo-a, protegendo-a, indiscutivelmente, mono-arquicamente. É o triunfo da Monarquia Social.²²

Deste modo, a figura do líder emergia, em oposição à democracia. Coerente com a posição integralista, este condutor seria o rei, ocupante do trono de uma monarquia sindical. Porém, o monarca de Rolão Preto, seria detentor de maiores poderes em relação aos desejados pelos membros do IL de primeira fase, ou seja, estaria imbuído de capacidade para intervir na política, mas também na administração, o que era repudiado pela teoria do grupo.

NACIONAL-SINDICALISMO: FORMAÇÃO E CISÕES INTERNAS

Política, periódico que projetou o Nacional Socialismo, foi composto por alunos da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano. Demonstrou desde seu surgimento, sua oposição à democracia, ao liberalismo e ao parlamentarismo. Apesar deste aspecto, com a ascensão de Salazar, a Junta Central noticiou a condenação de qualquer adesão de seus membros às agremiações que não fossem as aprovadas pelo IL, em outras palavras:

Aproveitamos a oportunidade para comunicar a todos os estudantes integralistas de Lisboa que por instruções superiores desta Junta lhes proíbe terminantemente a adesão de quaisquer formações de carácter politico extranhas ao Integralismo Lusitano e não autorizadas pela Junta Central.²³

Esta notificação provavelmente foi resposta ao discurso de Salazar, na sala do Conselho de Estado em outubro de 1929, quando afirmou suas ações nas seguintes diretrizes: “Nada contra a Nação, tudo pela Nação”.²⁴ Tal posicionamento de distanciamento mantido pela Junta Central do IL em relação às intenções do governo foi alterado, diante dos novos discursos realizados pelo Ministro das Finanças, onde se percebia as intenções de Salazar diante da Ditadura. No número 14 de *Política* apresentou-se novo aviso, que suspendia a ordem anterior, como reflexo do discurso de Salazar, de 30 de julho de 1930 na sala do Conselho de Estado:

Tomando as palavras do Governo como um apelo de salvação publica, [o Integralismo Lusitano] declara-se decidido, por intermédio dos filiados nas suas organizações que assim o desejam, o cooperar oportunamente com a ditadura militar em tudo quanto sirva o bem comum e procure realizar a igualdade dos Portugueses perante a lei, condição essencial para efecticar o propósito de União Nacional.²⁵

Neste pronunciamento, Salazar afirmou as bases corporativas como suporte ao regime, com a proteção da família, ao eleger a freguesia e o município como bases de sustentação para Nação.²⁶ O Estado concebido por Salazar caminhava, assim, em mesma via do IL. Além disto, havia o anúncio da formação da União Nacional (UN), partido único, porém, distinto dos congêneres fascistas, por ser desprovido de autonomia ou poder político.²⁷ Esta formação salazarista foi contrastante ao Nacional-Sindicalismo (N/S), consolidado em 1932.

Diante da característica politicamente apática do partido único de Salazar, em oposição com a mobilização desejada por Rolão Preto ao N/S, as relações entre as duas lideranças foram férteis em tensões. Nos anos iniciais da década de 1930, a insatisfação de Preto com a organização salazarista não visava a ruptura, ou superação do modelo, mas uma maior radicalização do regime, com o objetivo de torná-lo próximo ao fascismo italiano. Porém, o contraste entre o Ditador distante das grandes mobilizações, e a espera por um líder condutor, proporcionou embates entre Salazar e Rolão Preto, com consequências negativas para o último.

O líder do Nacional-Sindicalismo demonstrou suas diferenças ao projeto sustentado por Salazar, através de correspondências endereçadas ao Presidente da República, em 1 de maio de 1931. Nesta carta, requisitava para seu movimento de extrema-direita um lugar de destaque no regime, pois seriam seus membros os “únicos e vigilantes defensores da Ditadura” visto que: “Nenhum dos homens que constituem o actual governo da Ditadura contribuiu, de perto ou de longe, para o Movimento de 28 de Maio”.²⁸ Assim, o líder do N/S afastava Salazar dos movimentos “revolucionários” que se instalaram no poder em situações semelhantes às vistas pela ditadura de 28 de maio, em referência implícita ao fascismo italiano.

No entanto, alguns colaboradores de *Política*, que posteriormente se inseriram no Nacional - Sindicalismo, ainda nos fins da década de 1920, afirmavam ter a Ditadura portuguesa não só originalidade doutrinária, como ser antecedida por preparação intelectual. Nas palavras de Mario Cardia, Portugal estava ao lado da Itália em função de: “A ditadura espanhola não teve como a italiana ou a portuguesa, uma preparação intelectual [...]”.²⁹ As opiniões de Preto não foram unânimes entre os membros do N/S, o que resultou em questionamento de sua chefia, em disputa com o Presidente do Conselho, Oliveira Salazar.

Diante da oposição de Preto aos rumos do regime, uma facção do N/S colocou-se abertamente simpática à intenção de comporem a Ditadura, à revelia de seu líder. Estas fissuras internas, com a tensão entre a chefia de Salazar e Rolão Preto, tornaram-se evidentes em 27 de novembro de 1933, em reunião convocada pelo Conselho Diretivo do Nacional-Sindicalismo. Nesta ocasião, as pautas refletiam o cisma no interior do movimento, pois entre os objetivos a serem alcançados, apresentados na ata redigida por Monsaraz: “*Tratava-se da reorganização do movimento N.S. (primeira parte da moção) e da fixação da attitude política (segunda parte) devendo definir-se junto do governo a sua autonomia, ou as condições de uma colaboração com elle dentro da mesma autonomia*”.³⁰ Em via oposta ao esperado, ocorreu a ruptura definitiva do N/S, diante dos impasses resultantes dos debates.

A origem da polémica se fez em torno da proposta de suspensão de Rolão Preto enquanto Chefe visível do movimento. Em segunda rodada de negociações, igualmente improdutivo, cogitou-se a manutenção da chefia, porém, pela supressão do cargo de Secretário Geral, portanto, no afastamento de Alberto Monsaraz do movimento. A reunião foi esvaziada pela oposição a Preto e Monsaraz, como repúdio às medidas tomadas: “O Dr. Eusébio Tamagnini e o Dr. José Cabral retiram-se, declarando que recausavam [...] a sua liberdade de acção, sahindo também o Dr. Pires de Lima por necessidade de partir imediatamente para o Porto.”³¹ Deste modo, houve o esvaziamento do movimento conduzido por Rolão Preto e Alberto Monsaraz por parte dos simpáticos a Salazar e, paralelamente, formação de um novo Nacional-Sindicalismo cordial ao ditador.

A partir do carácter extremista de direita alternativo ao Salazarismo, desde seu surgimento o N/S passou a rivalizar-se com o regime. Através de sua formação paramilitar e mobilizante, consolidou-se como concorrente do partido único de Salazar, a União Nacional (UN), na disputa por arregimentar membros. É importante sublinhar que apesar da formação da União Nacional acontecer em 1930, Salazar não forneceu grandes obstáculos ao desenvolvimento do grupo de Rolão Preto até o ano de 1933. O ditador manteve distância cuidadosa entre seu regime e as forças nacional-sindicalistas, tolerando passeatas esteticamente fascistas, com bandeiras, hinos e fileiras uniformizadas em marcha organizada, que aconteciam desde setembro de 1932. Porém, com a progressiva organização e a intensificação do teor das críticas ao governo, assim como a recorrência de marchas e cerimônias comemorativas, o distanciamento estratégico foi abandonado. Deste modo, as perseguições e tentativas de desarticular o N/S, ou ao menos trazê-lo para o interior do UN se intensificaram a partir de 1933. Costa Pinto registra esta impaciência de Salazar: “A 28 de Maio de 1933, enquanto os fascistas marchavam em Braga em comemoração ao golpe de Estado de 1926, Salazar denunciava os ‘sempre febris, excitados e descontentes [...] que continuarão gritando diante do impossível: mais! mais!’”.³² Como resposta às investidas, Preto indagava em circular distribuída ao público: “Crítico, discordar, pedir mais e mais seria querer derrubar Salazar para o substituir?”³³

Estas tentativas de ruir com o movimento e fragilizar a autoridade de Preto no interior do Nacional Sindicalismo foram relatadas em carta ao Presidente do país. Neste documento assinado por Preto, narrou-se o assédio do salazarismo ao N/S, mas apresentava também ataques à União Nacional e à forma como Salazar conduzia a “Revolução Nacionalista Portuguesa”, em referência ao golpe de 28 de maio de 1926. Nesta carta Rolão Preto expôs seu descontentamento com a censura da qual Portugal estava submetido: “Mercê das circunstancias em que vegeta a imprensa – banido todo o direito de crítica, impedida toda a possibilidade de controle – a opinião publica portuguesa vive sob o signo da mais illusoria das aparências [...]”.³⁴ Sob estas

palavras, não havia a defesa da democracia, porém a reivindicação por maior espaço para a promoção de seu movimento, como alternativa ao regime ditatorial.

Preto atacava Salazar por distanciar o Estado Novo dos moldes de mobilização visto em regimes fascistas, além do progressivo afastamento dos homens de 28 de Maio da atual Ditadura: “Em Portugal a situação nacionalista não coincide, repetimo-lo, com o poder saído da Revolução. Nenhum dos homens que constituem o actual Governo da Ditadura contribuiu, de perto ou de longe, para o Movimento de 28 de Maio.”³⁵ Ao comparar a situação da Espanha, imersa na guerra civil, que culminou com a ascensão de Franco, Preto expôs os problemas resultantes de um partido único frágil. Neste sentido, atacava à União Nacional criada por Salazar, ao dizer que:

Lá como aqui, havia uma pseudo União Patriótica, ou Nacional, de cidadãos desunidos, mental e sentimentalmente antagônicos. Lá como aqui, uma imensa capacidade de olvido por parte das massas desiludidas e apáticas á minguia de entusiasmo, de exaltação patriótica, de esperança, de ideal. Hoje em dia a Espanha agoniza no confusionismo tumultuario que todos conhecem.³⁶

As cartas enviadas ao Presidente da República, portadoras de críticas a Salazar e à forma como dirigia o regime foram os últimos lances dessa disputa entre o Nacional-Sindicalismo na clandestinidade e o próprio salazarismo. A resposta de Salazar ao N/S repercutiu na prisão e exílio de Rolão Preto e Alberto Monsaraz, chefe e secretário-geral, respectivamente. Em carta dirigida a Oliveira Salazar, Rolão Preto expõe o ocorrido:

[...] fui, ao cabo de alguns dias preso em minha própria casa na Beira, trazido para Lisboa, encerrado e incomunicável numa esquadra de policia e interrogado no dia seguinte – para afinal me ser perguntado se fôra eu ou quem fôra que mandara distribuir, por varios modos, exemplares dactilografados da referida mensagem.³⁷

A experiência de Rolão Preto no exílio abriu novas possibilidades de diálogos ideológicos, não somente com inclinações autoritárias, embora estas persistissem em suas obras. Nesta nova fase, Preto apresentou críticas à censura de imprensa e à política colonial portuguesa. As reivindicações por liberdade de expressão durante o salazarismo não devem ser confundidas com inclinações à simpatia pela democracia. Ao contrário, quando criticava a censura, lutava por maior espaço de seu movimento, posto na clandestinidade para atuar em prol de seus projetos próprios de extremismo ideológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da trajetória política do IL e de Rolão Preto, saído do IL e chefe de um movimento de extrema-direita de formato fascista, buscou-se analisar o conflito entre a Ditadura de Salazar e o grupo radical. A partir do exame foi possível perceber o desdobramento de um movimento tradicionalista, monarquista e de extrema-direita, o IL, em grupo de mobilização de massas tal como o N/S, conforme difundia-se os movimentos de extrema-direita inspirados pelo fascismo.

Neste objetivo, foi possível perceber a inconstância e a não-linearidade da trajetória política. Nesta medida, há o acordo com o exposto por Pierre Bourdieu ao apontar para a necessidade de se abolir a narrativa linear, presente no estilo romântico, sendo pertinente realizar “[...] o questionamento da visão de vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção”.³⁸

Percebe-se que as trajetórias atendem à intencionalidade de projetos desenvolvidos para responder às demandas emergenciais ou de médio e longo prazo, considerados um complexo arcabouço de experiências contemporâneas e passadas. Deste arranjo, não se pode traçar uma trajetória coerente e linear dos sujeitos, sob o risco de anacronismo e da teleologia.

Portanto, através do enfoque inicial no IL, foi possível detectar variações nas decisões e concepções de seus integrantes, após o fechamento das atividades do integralismo lusitano em 1922. Apesar de saídos do mesmo movimento, seus integrantes expressaram posicionamentos e anseios distintos diante das conjunturas

de emergência do fascismo e ascensão de uma ditadura em Portugal. Por outro, lado aspectos presentes no IL, embora apropriados a novos projetos políticos, mantiveram-se nas concepções de Rolão Preto e demais membros ligados ao integralismo. Deste modo, apesar da configuração fascista das propostas de Estado corporativo mantidas por Rolão Preto, o rei, apenas progressiva e paulatinamente, foi substituído pela figura de um chefe condutor, tal como Mussolini. Portanto, as trajetórias devem ser examinadas através da tensão entre as continuidades e rupturas, com vistas a perceber as estratégias compreendidas em determinados discursos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, João do. O paiz não quer eleições. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 278, 17 jan. 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. Cota: AOS/CO/PC-3F.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 181-189.
- CARDIA, Mario. Coisas de Espanha. *POLITICA: Orgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano II, n. 9, p. 2, 8 dez. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- JUNTA CENTRAL. Nota oficiosa. *POLITICA: Orgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano II, n. 9, p. 2, 8 dez. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- JUNTA CENTRAL. Nota oficiosa. *POLITICA: Orgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano II, n. 14, 31 ago. 1930. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Nacional, 2001.
- MEDINA, João. *Salazar e os fascistas: Salazarismo e Nacional-Sindicalismo – a história de um conflito (1932 - 1935)*. Lisboa: Bertrand, 1978.
- MONSARAZ, Alberto. *Cartilha Monarquica: Integralismo Lusitano*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1916. p. 19. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 34953P.
- MONSARAZ, Alberto. Ressentimentos. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 354, p. 1, 15 maio 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- MONSARAZ, Alberto (Ed.). *Cartilha do Operário: Integralismo Lusitano*. Lisboa: Tipografia Soares & Guedes, 1919. p. 5. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: H.G. 1508//4P.
- PINTO, António Costa. As elites políticas e a consolidação do salazarismo: o Nacional Sindicalismo e a União Nacional. *Análise Social*, v. 27, n. 116-117, p. 575-613, 1992.
- PINTO, António Costa. Caos e ordem: Rolão Preto, Salazar e o apelo carismático no Portugal autoritário. In: SILVA, Giselda; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício B. Alvarez (Org.). *Histórias da política autoritária: Integralismos-Nacional Sindicalismo-Nazismo-Fascismos*. Recife: UFRPE, 2010. p. 39-54.
- POLITICA: ORGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO, Lisboa, ano I, n. 1, 15 abr. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- PRETO, Rolão. *A Monarquia é a restauração da Inteligência*. Lisboa: Soares & Guedes, 1920. p. 149-150. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 17877P.
- PRETO, Rolão. *Nacional sindicalismo*. 2. ed. Lisboa: UP, 1925. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 42617P.
- PRETO, Rolão. 1º de Maio. *POLITICA: Orgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano I, n. 2, p. 4, 1 maio 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- PRETO, Rolão. *Para além do comunismo*. Coimbra: Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano, 1932. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C.14180P.
- PRETO, Rolão. Para além dos ódios desvairados os direitos serenos da justiça. 1 maio 1934a. PT/TT/PIDE/001/00589.

- PRETO, Rolão. Nacional Sindicalismo: Camaradas. 20 jun. 1934b. PT/TT/PIDE/ 001/00593.
- PRETO, Rolão. Nacional Sindicalismo (carta ao senhor Presidente do Conselho). 10 jul. 1934c. PT/TT/PIDE/001/00606.
- RAPOSO, Hipólito. *Dois Nacionalismos: L'Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa: Ferin, 1929.
- REBELLO, Pequito. Carta de Madrid: a ditadura espanhola e sua crise actual. *POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano I, n. 3, p. 5, 20 maio 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- REDACÇÃO. O Senhor Sidonio Paes. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 271, 9 jan. 1918a. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- REDACÇÃO. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 354, p. 1, 29 abr. 1918b. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- SALAZAR, Oliveira. («Princípios fundamentais da revolução política» — Discurso na Sala do Conselho de Estado, em 30 de Julho — «DISCURSOS»), v. 1, p. 85-87) – 1930. In: SALAZAR – O OBREIRO DA PÁTRIA. Disponível em: . Acesso: 13 maio 2014.
- SARDINHA, António [abrev. S.A.]. Nota Política. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 269, p. 1, 7 jan. 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- SARDINHA, António. *La Alianza Peninsular*. Prólogo de Ramiro de Maeztu. Tradução para o espanhol de Marques de Quintanar, Conde de Santibañez Del Rio. Madri: Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana, 1930.
- TORGAL, Luís Reis. *Estados Novos: ensaios de história política e cultural*. 2. ed. rev. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v. 2.

NOTAS

- 2 SARDINHA, António. *La Alianza Peninsular*. Prólogo de Ramiro de Maeztu. Tradução para o espanhol de Marques de Quintanar, Conde de Santibañez Del Rio. Madri: Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana, 1930. p. 323.
- 3 MALATIAN, Teresa. Império e missão: um novo monarquismo brasileiro. São Paulo: Nacional, 2001. p. 21.
- 4 RAPOSO, Hipólito. *Dois Nacionalismos: L'Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa: Ferin, 1929. p. 37.
- 5 SARDINHA, António [abrev. S.A.]. Nota Política. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 269, p. 1, 7 jan. 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- 6 AMARAL, João do. O paiz não quer eleições. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 278, p. 1, 17 jan. 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- 7 REDACÇÃO. O Senhor Sidonio Paes. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 271, p. 1, 9 jan. 1918a. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- 8 REDACÇÃO. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 354, p. 1, 29 abr. 1918b. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- 9 MONSARAZ, Alberto. Ressentimentos. *A Monarquia: Diario Integralista da Tarde*, Lisboa, ano I, n. 354, p. 1, 15 maio 1918. Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca João Paulo II, Espólio António Sardinha. Cota: 5051.
- 10 MEDINA, João. Salazar e os fascistas: Salazarismo e Nacional-Sindicalismo – a história de um conflito (1932 - 1935). Lisboa: Bertrand, 1978. p. 75.
- 11 *POLITICA: ÓRGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO*, Lisboa, ano I, n. 1, p. 2, 15 abr. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- 12 REBELLO, Pequito. Carta de Madrid: a ditadura espanhola e sua crise actual. *POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano*, Lisboa, ano I, n. 3, p. 5, 20 maio 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.

- 13 MONSARAZ, Alberto. Cartilha Monarquica: Integralismo Lusitano. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1916. p. 19. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 34953P.
- 14 MONSARAZ, Alberto (Ed.). Cartilha do Operário: Integralismo Lusitano. Lisboa: Tipografia Soares & Guedes, 1919. p. 5. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: H.G. 1508//4P.
- 15 Ibidem, p. 26.
- 16 PRETO, Rolão. Para além do comunismo. Coimbra: Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano, 1932. p. 110. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C.14180P.
- 17 PRETO, Rolão. A Monarquia é a restauração da Inteligência. Lisboa: Soares & Guedes, 1920. p. 149-150. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 17877P.
- 18 PRETO, 1920, p. 101.
- 19 PRETO, Rolão. Nacional sindicalismo. 2. ed. Lisboa: UP, 1925. p. 8. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: S.C. 42617P.
- 20 PRETO, 1925, p. 11.
- 21 PRETO, 1932, p. 85.
- 22 PRETO, Rolão. 1º de Maio. POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, Lisboa, ano I, n. 2, p. 4, 1 maio 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- 23 JUNTA CENTRAL. Nota oficiosa. POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, Lisboa, ano II, n. 9, p. 2, 8 dez. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- 24 TORGAL, Luís Reis. Estados Novos: ensaios de história política e cultural. 2. ed. rev. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v. 2, p. 150.
- 25 JUNTA CENTRAL. Nota oficiosa. POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, Lisboa, ano II, n. 14, p. 2, 31 ago. 1930. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- 26 SALAZAR, Oliveira. («Princípios fundamentais da revolução política» — Discurso na Sala do Conselho de Estado, em 30 de Julho — «DISCURSOS»), v. 1, p. 85-87) – 1930. In: SALAZAR – O OBREIRO DA PÁTRIA. Disponível em: . Acesso: 13 maio 2014.
- 27 PINTO, António Costa. As elites políticas e a consolidação do salazarismo: o Nacional Sindicalismo e a União Nacional. *Análise Social*, v. 27, n. 116-117, p. 575-613, 1992. p. 586.
- 28 “Carta enviada a Sua Ex^a o Snr. Presidente da República pelo chefe do N.S. Dr. Rolão Preto”. 1931-05-01. p.1. Biblioteca da Universidade de Lisboa. Espólio César Oliveira. Cota: FG0049-CO49.
- 29 CARDIA, Mario. Coisas de Espanha. POLITICA: Órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, Lisboa, ano II, n. 9, p. 2, 8 dez. 1929. Biblioteca Nacional de Lisboa. Cota: J.3861 B.
- 30 ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. Cota: AOS/CO/PC-3F.
- 31 Ibidem.
- 32 SALAZAR, Oliveira. Discursos e notas políticas. Coimbra: Coimbra, 1935. v. 1, p. 125 apud PINTO, António Costa. Caos e ordem: Rolão Preto, Salazar e o apelo carismático no Portugal autoritário. In: SILVA, Giselda; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício B. Alvarez (Org.). Histórias da política autoritária: Integralismos-Nacional Sindicalismo-Nazismo-Fascismos. Recife: UFRPE, 2010. p. 39-54. p. 47.
- 33 PRETO, Rolão. Para além dos ódios desvairados os direitos serenos da justiça. 1 maio 1934a. PT/TT/PIDE/001/00589. p. 47.
- 34 PRETO, Rolão. Nacional Sindicalismo: Camaradas. 20 jun. 1934b. p. 1. PT/TT/PIDE/ 001/00593.
- 35 Ibidem.
- 36 PRETO, 1934b.

37 PRETO, Rolão. Nacional Sindicalismo (carta ao senhor Presidente do Conselho). 10 jul. 1934c. PT/TT/PIDE/001/00606. p. 1.

38 BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 185.